A última entrevista com León Degrelle

Nota do tradutor: essa entrevista foi feita e publicada em Magala em 20/11/1993 e publicado na revista "HIPERBÓREA", (Vol. IV, 1993) até o momento essa foi a primeira vez que essa entrevista foi traduzida para o português futuramente estarei trazendo mais obras como essa para o português além de entrevistas também irei traduzir discursos, livros, debates e etc. Bom espero que gostem muito obrigo!

Pergunta: Entrevistador

Resposta: Leon Degrelle

PERGUNTA: O que representou para você a figura de Adolf Hitler?

RESPOSTA: Vou lhe dizer a verdade, uma verdade que vai abalar a opinião pública. A verdade é que, para mim, Hitler foi o maior homem que já existiu na Terra. Muito superior a Napoleão, porque Napoleão, no fim das contas, fez uma Europa pessoal e parcial, sem ter um grande conceito social de seu tempo. Hitler, ao contrário, era o gênio absoluto, não apenas o gênio popular que conquistou as massas alemãs — porque chegou ao poder de forma absolutamente democrática —, mas também tinha um plano de reformas que contemplava toda a vida do universo. O que Hitler queria, antes de tudo, era criar um homem novo, um tipo de homem novo, não apenas fazer uma grande Alemanha e uma grande Europa.

Ele queria formar, dentro da Europa, um homem absolutamente diferente do passado, que era um homem egoísta, um homem capitalista, um homem sem fé. Já antes de chegar ao poder, Hitler tinha essa preparação. Havia formado milhões de pessoas com uma preparação superior, que consagrariam suas vidas à comunidade popular, que, em vez de serem seres isolados no mundo, participariam de uma grande vida coletiva. O homem alemão de Hitler antes de 1933 era esse homem. Com ele, poderiam ser realizadas coisas imensas; com o homem anterior, apenas objetivos pequenos, pois faltava a fé em um "algo grande" e superior. A partir desse momento, eles já tinham essa fé.

Hitler agiria por etapas. Era um homem muito racional. Ao contrário do que diziam, não tinha nada de violento. Era um homem forte, o que é algo muito diferente. Era um homem amável, que tinha graça, que podia contar coisas belas e poéticas, mas que também tinha um conceito importante da unidade alemã e, depois, germânica. Com o tempo, com a experiência, com os resultados, ver-se-ia rapidamente que essa visão tinha um aspecto muito mais amplo. Não se deve esquecer que, até o ano de 1940, quase ninguém conhecia a Europa nem tinha um plano de união para ela. Cada um era homem de sua pequena terra. Um espanhol não era um dinamarquês, um siciliano não era um letão. Ninguém viajava. Hitler é o homem que, já em 1940, via a imensa perspectiva de uma Europa unida. Mas a Europa de Hitler não era apenas uma Europa política.

Hitler era um homem culto, que tinha uma grande formação clássica que ele mesmo havia adquirido. Não havia feito grandes cursos, mas tinha pensado muito, lido milhares de livros e, sobretudo, tinha o gênio da recapitulação. O mundo que ele imaginava não era apenas uma construção estatal. Era uma grande comunidade espiritual. Imaginava uma Europa milenar, nova, mas com raízes no passado. Um dia eu lhe perguntei: "Mas o senhor, de verdade, quem é?" Ele me respondeu: "Eu sou grego", algo incrível para um alemão, mas ele realmente era grego, porque o fundamento da civilização humana está na Grécia, e todo o sistema hitlerista não era um sistema nem alemão, nem germânico, mas mundial. E o fundo da cultura da humanidade está no Mediterrâneo, na Grécia, em Roma, e também no mundo germânico — mas tudo em direção a uma unidade. Hitler, ao ver essas realidades, desde 1940 preparava a grande unidade. E uma unidade não como a que se contempla hoje na CEE, do Ocidente, mas uma unidade que abrangeria a totalidade europeia, desde o Mar do Norte até o Oceano Pacífico.

PERGUNTA: “Sangue e solo”, como definiria essa ideia?

RESPOSTA: Este é exatamente o ponto central: o sangue e o solo. Hitler acreditava no sangue e no solo. O homem da Europa tem um sangue milenar, que não é o sangue da Ásia nem da África. É um sangue forte, de milhares de anos, que percorreu um caminho espiritual e intelectual muito preciso. E da mesma forma se pode falar do solo. Somos os homens do solo europeu. Nosso solo não está em Pequim nem no Senegal; está em nossos povos, que há séculos e séculos têm sido habitados por gente da nossa raça. Eu, por exemplo, pertenço por parte da minha família a um povoado francês onde nasceram e morreram 288 homens da minha família. A família europeia é assim. Há séculos nossos antepassados cultivam a terra, construíram fábricas, criaram uma civilização… Não se pode imaginar a Europa sem o sangue europeu e sem o solo europeu, seja no coração da Prússia ou no fundo da Andaluzia.

PERGUNTA: Tomando como referência o conceito de tradição, assim como fazem Julius Evola, René Guénon ou Miguel Serrano, o senhor concorda com eles? O que significa para o senhor a tradição?

RESPOSTA: Somos homens que sucedem séculos de homens que tiveram uma vida muito diferente, com tradições muito bem definidas. O europeu é um homem que, durante séculos, teve costumes e teve fé, teve confiança em Deus, uma cultura e uma civilização que eram transmitidas de pais para filhos e de filhos para netos. A tradição europeia é como o sangue europeu. O sangue espiritual. E é tanto assim que não se pode imaginar uma Europa sem o solo, sem o sangue e sem a tradição. Nossos amigos e antecessores como Evola, Guénon e, sobretudo agora, Serrano, estavam e estão exatamente nessa linha. A vida do homem é uma série de séculos, e a Europa que queríamos construir era a sucessão de todos esses séculos.

PERGUNTA: Como o senhor vive interiormente o seu catolicismo tradicionalista, seu cristianismo guerreiro e nórdico?

RESPOSTA: O meu cristianismo está exatamente na linha dessa tradição. Há dois mil anos que a Europa vive dentro do cristianismo, seja nos países do Mediterrâneo, seja no Norte. Já Carlos Magno levava o catolicismo às regiões. Os nórdicos, assim como os do Sul, tiveram a mesma vida espiritual. E essa é a base mesma da nossa personalidade. É evidente que há outras religiões que podem ter sua nobreza, mas a religião verdadeira da Europa era o Catolicismo — o que não é o mesmo que dizer clericalismo ou a Bíblia. É a vida de Cristo, a vida de um Cristo renovado pelo classicismo grego e pela civilização romana, e que depois a Idade Média, o Renascimento e a Revolução nos trouxeram. E não é apenas uma tradição — é uma vida, e é por isso que é tão importante.

Falamos de tradição, e é a religião cristã que manteve na Europa as grandes virtudes: a vida em família, por exemplo, a moral pública e a moral privada — são duas características da Europa cristã. O homem que tem um ideal reto, que segue a lei da própria consciência, é tipicamente cristão. Quando vemos os escândalos de hoje, a corrupção política incrível até em países que eram a base do Catolicismo — como a Itália —, como centenas de políticos vivem da corrupção passiva e ativa, recebendo dinheiro a que não têm direito e obrigando industriais a entregá-lo; a imoralidade da juventude, o desejo de viver e desfrutar de tudo, essa verdadeira loucura pelo bem-estar... Pois bem, todas essas coisas vão contra a base mesma do cristianismo. Não haverá ressurreição moral da Europa sem uma grande vida espiritual. Tanto é assim que, sendo católico, sempre me senti perfeitamente à vontade com o porvir do Nacional-Socialismo.

Vão me dizer agora que havia nacional-socialistas que eram pagãos. Em todos os Estados há pessoas que não são cristãs — e é preciso tolerá-las. Até a Igreja aceita a República Francesa, que expulsou o clero. Mas, no fundo, o sistema hitlerista era profundamente religioso. Hitler falava sempre do Todo-Poderoso, e de maneira alguma se escandalizava ao me ver comungar em sua própria casa. É evidente que ele detestava certos cleros políticos — e tinha razão. O clero não está feito para se ocupar de política, de sindicatos e nem mesmo de ser um padre-operário. O padre deve nos conduzir ao céu, e o político deve nos conduzir à ordem pública. São duas missões distintas. Ele respeitava essas duas missões. O catolicismo, tal como eu o vivia, correspondia aos dois mil anos de uma Europa de grande tradição espiritual.

PERGUNTA: Saint-Loup defende a ideia de uma Europa nacional-socialista das etnias. O senhor, como valão, participa e apoia essa teoria?

RESPOSTA: Sim. Para mim, e para Hitler, a Europa tinha três níveis. Antes, havia apenas um: o Estado. Mas na nossa concepção de Europa, havia três. Primeiro, a grande comunidade europeia. Em segundo lugar, o Estado. Mas o Estado abria mão de uma parte de seus poderes para uma instância superior — a Europa — e para uma instância inferior — as regiões. E isso por um motivo muito simples: o Estado é uma construção artificial.

A Espanha é uma reunião de províncias que demorou séculos para se formar; a França ainda possui províncias muito distintas entre si; a Bélgica tem valões e flamengos; e a Alemanha conta com uma série de grandes blocos regionais. Todos eles correspondem à vida particular de cada região. Somos homens de uma região. Pertencemos a uma pátria. Mas, dentro da pátria — que se formou por acaso —, há algo que sempre permaneceu: as províncias.

Assim, o Estado não deve ser uma forma totalitária de poder. Ele deve ceder parte de suas forças à comunhão que é a Europa, e deve permitir a cada região manter sua personalidade. Portanto, podem-se ver as três etapas: a região, como essência da realidade popular; o Estado, como intermediário; e a unidade suprema, a Europa.

PERGUNTA: Em que medida podemos ver Tintim como nacional-socialista e por que o sistema apoia esse herói dos quadrinhos?

RESPOSTA: O caso de Tintim é um detalhe, mas tem sua graça. Todo mundo sabe que fui eu quem impulsionei Hergé, o criador de Tintim. Foi ele mesmo quem disse isso. Não é uma declaração minha — é uma declaração de Hergé. Hergé nasceu quase no mesmo ano que eu. Tínhamos a mesma concepção do dever social, a mesma concepção dos Estados e a mesma concepção de Europa. E a prova disso é o seu primeiro livro, que fez sob minha inspiração, intitulado *Tintim no País dos Sovietes*. Escreveu esse primeiro quadrinho contra os soviéticos porque os soviéticos eram a contradição da nossa civilização e a contradição da Europa. Queriam eliminá-la, reduzi-la à condição de escrava. E Tintim, desde essa época, é um amigo pessoal e espiritual.

Chegou a guerra. Hergé participou à sua maneira, como desenhista, ilustrando as tiras do grande jornal *Le Soir* e, depois, naturalmente, tornou-se um homem da Europa e do mundo — mas após sofrer, ver-se encarcerado, ver seus melhores amigos — e os meus também — serem fuzilados por serem europeus e anticomunistas. Resumindo, apesar de fazer apenas quadrinhos, Tintim — ou Hergé — foi um elemento importante na criação da Europa. E também o veremos realizando uma visão do mundo futuro.

PERGUNTA: Para onde o senhor acha que caminha a atual situação política europeia e que papel pode desempenhar a santa Rússia?

RESPOSTA: Isso está muito relacionado com o que foi dito antes. Tintim, ou Hergé, que sempre me tratou como amigo (e não se deve esquecer que até no exílio mandava sua esposa me visitar para reafirmar sua amizade), havia se tornado um homem do mundo. Foi traduzido para todos os idiomas. Na Ásia, América, África, lê-se Tintim. Mas ele sabia muito bem a diferença entre a Europa e o resto do mundo.

A Europa já não está sozinha. Em 1945, quando Tintim era encarcerado, quando nossos amigos anticomunistas eram fuzilados, quem perdia a guerra não era a Alemanha — era a Europa. A Europa de 1940 havia morrido para sempre. Essa Europa dominava, então, 500 milhões de pessoas no mundo. A Inglaterra tinha um império fabuloso, a França também. Falava-se inglês nas Índias, francês em Madagascar e Saigon. A influência da Europa era fabulosa. Representava a respiração do mundo. Era uma realidade grandiosa. Não havia união, mas havia um imenso poder. Bastava fazer essa união do continente e teríamos alcançado resultados supremos. Uma Europa politicamente unida, com o domínio que tinha sobre o mundo inteiro, teria uma força incomparável.

Em 1945, tudo ruiu. Os americanos entregaram cem milhões de europeus aos soviéticos. Isso já era excluir uma parte da Europa. O resto estava fraco. Nenhum desses países europeus teve papel relevante na guerra, exceto os alemães — que a perderam. Mas, sobretudo, os americanos fizeram ruir o mundo colonial. O colonialismo tinha defeitos, é evidente, mas também suas imensas contribuições: trouxe saúde, cultura, uma certa civilização, e grandes possibilidades econômicas a muitos povos. Isso era o que os americanos queriam eliminar — a presença europeia no mundo — para permitir a entrada econômica dos EUA em todos esses países. Fracassaram.

Militarmente, os EUA fracassaram em tudo desde 1945. Toda sua tática se baseava no terrorismo: terrorismo na Alemanha, matando centenas de milhares de civis; terrorismo em Hiroshima; terrorismo no Vietnã; terrorismo até agora, na Somália. Mas haviam eliminado o poder europeu. Restavam apenas fragmentos da Europa.

A situação política atual é extremamente difícil. E os milhões de jovens que buscam uma ressurreição precisam saber que encontrarão obstáculos enormes. A Europa em si já não existe e não se vê claramente como poderá ressurgir. Há quarenta anos se tenta construir um mercado comum — um mercado que não representa nem metade da Europa real — que só chega a disputas, egoísmos e rivalidades. Antes da Segunda Guerra Mundial havia um ideal, uma fé, como a que tinham as SS, uma organização militar e política. Agora só há egoísmos e rivalidades mesquinhas.

Para chegar a uma Europa unida, temos que pensar no que você chama de "Santa Rússia". Nós, que lutamos por quatro anos na frente antisoviética, somos profundamente russófilos. A Santa Rússia representa 300 milhões de pessoas. Tem muitas regiões distintas — há vinte “Rússias”. São um povo sadio e forte. O frio eliminou todos os fracos. Mantêm uma grande moralidade familiar. Em quatro anos, nunca vi uma disputa em uma família russa. São a grande reserva biológica e espiritual da futura Europa.

A isso devemos somar 100 milhões de poloneses, tchecos, húngaros, romenos, búlgaros — também Europa. Não podemos pensar em deixá-los de fora. São indispensáveis. Mas a verdadeira união será extremamente difícil. Basta pensar na Alemanha Oriental. São 19 milhões de habitantes. Parecia fácil a reunificação, mas mesmo a Alemanha Ocidental, o país mais forte da Europa, ainda levará mais de dez anos para conseguir uma reunificação real. A vida econômica está no chão. O operário da Alemanha Oriental não é como o do Ocidente. Perdeu o gosto por trabalhar, por competir, por se elevar.

Esse mesmo problema se repetirá vinte vezes antes que os povos da “Santa Rússia” possam entrar na comunidade internacional. Basta ver as complicações internas da Rússia agora. As dificuldades que ela enfrenta antes de chegar a uma fórmula de união. Quantos aventureiros se colocarão no caminho. Por exemplo: que confiança se pode ter em Yeltsin? Eu acredito muito mais numa solução militar. Há anos digo que a união da Europa virá, em grande parte, da Rússia.

Sempre se disse que seria um homem do Ocidente a reunir os europeus. Mas Carlos V não conseguiu. Nem Napoleão, nem Guilherme II, nem Hitler. Pode-se perfeitamente imaginar um russo de trinta anos, com força moral, força física, que se imponha. No exército russo vimos quantos jovens inteligentes e valentes havia. Em meio a milhões de militares, devem existir jovens líderes com temperamento e fé suficientes para conquistar o poder e salvar seu país — e reunir a Europa. Essa é, ao menos, uma das minhas grandes esperanças. Porque, no momento, não vejo na Europa força capaz de fazê-lo.

E se esse resultado não for alcançado… o que será do próximo século? Fala-se de Europa, mas ela representará apenas 7% da população mundial. Um imenso mundo está se formando — não só o americano, que pode se desenvolver ou fracassar — mas também o mundo asiático.

Há 75 anos, o Japão era considerado subdesenvolvido (lembro dos navios trazendo bicicletas japonesas vendidas por tonelada). Hoje são 140 milhões de japoneses com a técnica mais segura do mundo, e, sobretudo, a fórmula social que pode salvar o mundo: a colaboração de classes. No Japão, o operário entra numa fábrica para toda a vida. Empresários e operários são camaradas. Sem essa fórmula não há solução social, e um dia haverá uma revolução dos milhões de famintos e deserdados.

O Japão é apenas parte de um grande complexo. Há também a Coreia do Sul, que há 25 anos era quase desconhecida, hoje tão importante quanto a França. Taiwan, pequeno país com a maior riqueza financeira do mundo. Hong Kong, que está voltando para a China. E finalmente a China, que será uma força dominante em 25 anos, pois fez o contrário dos soviéticos: evitou a revolução política antes da revolução econômica. Quando surgiu o levante político em Tienanmen, frearam imediatamente o movimento e se dedicaram à economia. Em três anos, a China quadruplicou seu potencial econômico. São 1,2 bilhão de habitantes, em breve 1,5 bilhão.

O mundo asiático, dentro de 25 anos, terá 2,5 bilhões de pessoas, com uma unidade extraordinária, uma força econômica sem igual, que poderá impor suas leis à humanidade. Por isso, precisamos de um esforço desesperado para salvar a unidade europeia. Será quatro vezes menor que a asiática, mas tem dois mil anos de passado, uma população culta, bem preparada — mas desmoralizada pela lepra do século: o egoísmo e a doutrina do bem-estar, a ideia de tirar proveito de tudo, custe o que custar.

A Europa atual é moralmente muito fraca. Tem diante de si um futuro difícil. E, se for incapaz de superar esses obstáculos, é evidente que na grande luta do próximo século não terá um papel relevante. Qualquer jovem que tenha fé no futuro precisa ter também vontade e coragem. Sem um esforço imenso, nada se fará — e esse esforço só pode ser realizado com generosidade e espírito de serviço ao próximo.

PERGUNTA: Depois da derrota do Iraque, dos pactos dos palestinos com Israel, da repressão ao integrismo islâmico, você acredita que ainda há algo a ser feito pelo Islã ou acredita que ele já não é mais um movimento espiritual e revolucionário, incapaz de enfrentar o globalismo?

RESPOSTA: O problema do Islã é também muito importante e muitas vezes me causa desilusões. O mundo islâmico está doente, precisa de um tratamento de choque. É o resultado do imperialismo anglo-americano. Eles se apoderaram das riquezas mais importantes do mundo árabe. Eles, principalmente os americanos, são os senhores no mundo árabe. Nós, durante a guerra, pensamos muito sobre esse imenso povo de mil milhões de habitantes. Inclusive nas Waffen SS foram criadas três divisões de voluntários muçulmanos. Tivemos 60.000 camaradas nacional-socialistas muçulmanos. Tínhamos eles porque eram rapazes esplêndidos, mas também porque para nós a missão desses sessenta mil voluntários muçulmanos era fazer no mundo árabe o que nós nos preparávamos para fazer no mundo europeu. Falando de regiões, o que queríamos nós na Europa, na união europeia, era representar cada nossa região. Tínhamos uma divisão valona, tínhamos uma divisão flamenga, cada um na nossa região, no nosso país de origem representava uma força real.

A União Europeia reunia grandes forças políticas da Waffen SS de cada região de cada país. Queríamos fazer o mesmo com nossos camaradas muçulmanos. Se tivéssemos ganhado a guerra, essas divisões muçulmanas teriam feito no mundo árabe a mesma revolução nacional socialista. Agora, em vez de termos no mundo árabe uma espécie de inimigos perigosos para a Europa, porque nos enviaram os resíduos desses países, teríamos no mundo árabe, o imenso mundo árabe, um mundo de camaradas unindo nossos ideais e nossas forças econômicas. Teríamos agora, ao lado de uma Europa de 700 milhões de habitantes, um enorme mundo árabe que teria participado exatamente da nossa mentalidade, com o qual teríamos trabalhado juntos, constituindo assim uma força imbatível no mundo.

Mas em 1945 tudo desmoronou. Nossos camaradas muçulmanos agora lutam de forma miserável nos países balcânicos. O mundo muçulmano está agora nas mãos de alguns poderosos da Idade Média. Nos países árabes, eles dominam a população sem dar-lhe direito de se expressar ou até mesmo de viver. Este mundo do Islã também terá que passar por uma imensa crise antes de chegar a algum resultado, um resultado que será muito problemático. Não basta ser 1 bilhão de pessoas no mundo. É preciso ter uma fórmula política. É preciso ter um ideal. Alguns milhões de muçulmanos têm isso politicamente e moralmente. Eles têm seus extremistas, como se diz agora, que querem libertar seu país. Mas não se vê quantos obstáculos eles enfrentam quando um homem como Gadafi busca uma fórmula independente na Líbia. Rapidamente os americanos enviam seus aviões e bombardearam, matando uma de suas próprias filhas. Quando o Iraque faz um esforço para constituir sua unidade milenar, os Estados Unidos se opõem, e arrastam o mundo inteiro com eles, na defesa de um Kuwait que é uma fabricação artificial, mas que tem a chave do petróleo do Iraque. Por essa fabricação artificial, centenas de milhares de pessoas foram mortas e o mesmo ódio persiste.

Os americanos continuam dispostos a matar tudo o que se opõe à sua dominação econômica. O problema do Islã é enorme, e nas épocas atuais não vejo a forma como a Europa possa ajudar. Agora a França luta contra o Islã na Argélia. Parece que os europeus têm tantos problemas que nem têm tempo para salvar os pobres muçulmanos da Bósnia. Eu acredito na fé do Islã, no seu ideal espiritual, que é imenso, muito superior ao nosso, mas que tem complicações materiais tão grandes que só uma luta incrível os libertará delas. É preciso olhar para o Islã com afeto e muitas vezes com admiração. Se quisermos chegar a uma situação que salve pelo menos a Europa, todos os jovens do velho continente e da Rússia sagrada do passado teremos que nos reunir, nos sacrificar, nos unir, e dar um ideal enorme a um mundo europeu que quase não tem ideais na atualidade. Quando escrevi meu livro "Almas Ardendo", pensava nessa ressurreição espiritual. Podemos salvar a Europa, podemos fazer sua unidade escalonada da forma como já disse; Europa, os países, as regiões.

Podemos constituir uma força econômica imensa, porque a Europa é rica. Mas, sobretudo, precisamos ter uma fé imensa que transforme tudo, que mova milhões de almas, que faça com elas a verdadeira unidade, sem a qual a unidade política e social não é possível. Isso é o que, velho e quase no fim da minha vida, repito uma e outra vez para a juventude. Europa sim, lição do passado sim, tradição renovada sim, encontro dos europeus do norte com os do sul sim. Mas sem a fé não se poderá fazer nada, camaradas europeus.

PERGUNTA: Que conselhos ou diretrizes você daria aos seus jovens nacional-socialistas cujas almas estão ardendo nestes tempos de luta total contra o mundialismo, único inimigo?

RESPOSTA: Repito o que acabei de dizer. Estamos frente ao mundialismo. O mundo asiático e o ianque, sobretudo, querem impor suas leis implacáveis ao universo, e só com uma Europa totalmente unida, de Dunquerque até Vladivostok, unindo todas as suas forças e levantando uma fé incomparável, poderemos resistir e fazer da Europa uma unidade comum nunca antes conhecida. Com nossas forças unidas, poderemos, apesar de todas as dificuldades, realizar o século que vem.

Em 20 de abril de 1989, Léon Degrelle celebrou discretamente o centenário de Adolf Hitler em um pequeno e popular restaurante em Madri, na companhia de cerca de trinta amigos europeus que tiveram a excepcional sorte de celebrar o evento na companhia do homem que o Führer havia escolhido como seu filho.

À direita de Léon Degrelle estão o alemão Thies Christophersen (1918-1997), autor em 1970 do famoso relatório A mentira de Auschwitz, e Florentine Heubel (1914-2007) que, em 21 de dezembro de 1940, casou-se com Meinoud Rost van Tonningen, líder do Movimento Nacional Socialista de seu país (que logo depois se tornou presidente do Banco dos Países Baixos), tornando-se a primeira mulher holandesa a se casar de acordo com o cerimonial da SS: sua aliança rúnica, que ela teve a oportunidade de presentear o Führer quando ele beijou sua mão, tornou-se sua relíquia mais preciosa.

À esquerda do comandante da Sturmbrigade Wallonien, no final do banco, está o alemão Ewald Althans (nascido em 1966), então promovido pelo Generalmajor Otto Ernst Remer a líder da juventude de seu Deutsche Freiheitsbewegung (Movimento de Libertação Alemão)

Sentado à esquerda de Léon Degrelle, o falangista Alberto Torresano (1934-2023) é provavelmente o "único espanhol que estava lá" mencionado por Juan Guerrero Zorrilla.

Foi a ele, um falante perfeito de francês, que Léon Degrelle dedicou esta foto histórica, simbolicamente datada de 20 de abril de 1989. Amigo próximo de Léon Degrelle, Alberto Torresano foi uma das últimas pessoas a visitá-lo no hospital em Málaga, onde ele morreu .